

# JUVENTUDE POBRE, TRABALHO E EDUCAÇÃO NOS GOVERNOS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES: UMA ABORDAGEM PRELIMINAR

Iara Saraiva Martins  
Universidade Federal do Ceará- Bolsista FUNCAP  
Iziane Silvestre Nobre  
Universidade Federal do Ceará – Bolsista CAPES  
José Gonçalves de Araújo Filho  
Universidade Federal do Ceará  
Raquel Araújo Monteiro  
Universidade Federal do Ceará  
Remo Moreira Brito Bastos  
Universidade Federal do Ceará

**Resumo:** O ano de 2013 marcou os 10 anos de gestão do Partido dos Trabalhadores no Brasil, nas figuras de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Este artigo busca através da pesquisa bibliográfica-documental fazer uma análise preliminar da inserção da juventude pobre nas relações de consumo, trabalho e educação. Temos como recorte temporal o período dos governos do Partido dos Trabalhadores e estabelecemos uma contribuição introdutória através das perspectivas valorosas de Armando Boito Junior (2003), Carlos Nelson Coutinho (2010), Francisco de Oliveira (2010) Ruy Braga (2013), Ricardo Antunes (2006) e Giovanni Alves (2014). O marco dos 10 anos de gestão do Partido dos Trabalhadores se caracteriza por uma década de cooptação de movimentos sociais, superexploração do trabalho e agudização do sucateamento da Educação e Saúde com a expansão do neoliberalismo. Nesse contexto, a juventude pobre vem sendo posta em uma dinâmica de inserção em formas de educação aligeirada, trabalhos superexplorados, criminalização e extermínio.

**Palavras-chave:** Juventude pobre. Trabalho e educação. Partido dos Trabalhadores.

## 1. Introdução

O presente artigo foi desenvolvido por integrantes da Linha de Pesquisa Trabalho e Educação do Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira - UFC. Com o apoio de instrumentos bibliográficos e documentais, nossa pretensão se consolida nos apontamentos dos elementos iniciais para a análise das implicações dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) em um agrupamento específico e afetado negativamente pelo contexto da divisão da sociedade entre classes: a juventude pobre.

O recorte temporal que realizamos para analisar a relação entre trabalho, educação e juventude pobre, se refere aos dez anos de gestão do Governo Federal pelo Partido dos Trabalhadores (2003- 2013).

Inicialmente, amparados em autores como Armando Boito Junior (2003), Carlos Nelson Coutinho (2010), Francisco de Oliveira (2010) Ruy Braga (2013), Ricardo Antunes (2006), realizamos uma rápida caracterização das intervenções políticas de Luiz Inácio “Lula” da Silva e Dilma Rousseff, indivíduos que representam o comando das presidências petistas.

Em um segundo momento, ancorados em Giovanni Alves (2014), Giuliano Saneh (2013), dados estatísticos e recortes jornalísticos, apresentamos as configurações em juventude pobre se insere, explicando a escolha pela abordagem classista desse agrupamento social. Por fim, tratamos dos direcionamentos oferecidos á juventude pobre no Mundo do Trabalho e na educação.

## **2. Breve caracterização das gestões presidenciais do Partido dos Trabalhadores**

O ano de 2013 marcou os 10 anos de gestão do Partido dos Trabalhadores no Brasil, nas figuras de Luiz Inácio da Silva e Dilma Rousseff. Tal marco se caracteriza por uma década de cooptação de movimentos sociais, superexploração do trabalho e agudização do sucateamento da Educação e Saúde com a expansão do neoliberalismo. Para compreendermos quais as determinações desse partido para as políticas públicas e educacionais, é preciso situar em qual contexto estas estão e foram inseridas.

A eleição de um candidato advindo do operariado em 2002 se caracteriza como um marco na luta de classes no Brasil. Evidencia uma metamorfose da noção de esquerda no país, que tinha no Partido dos Trabalhadores uma das maiores expressões de luta contra a desigualdade e por outro modelo de sociedade.

No entanto, ao constituir-se como partido da “ordem”, o PT e a política lulista produziram efeitos regressivos nas dinâmicas dos movimentos sociais, desmobilização da classe trabalhadora e esvaziou de conteúdo crítico nos movimentos que insistiram em tomar como corretas as posições do governo, que cada vez mais se estreitavam e se incorporavam ao neoliberalismo.

Ruy Braga (2012), afirma que na primeira eleição de Luiz Inácio da Silva, metade dos cargos de direção e assessoramento foram preenchidos por sindicalistas. Os sindicatos filiados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), de onde emergia grande parte da base do PT, já se alinhavam a administração de Lula da Silva. Além de outras sindicais, entidades do

Movimento Estudantil como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) também passaram a colaborar diretamente com as práticas do Governo Federal. Dessa forma, compreendemos que com a eleição de Lula, ocorreu uma transição pacífica de várias lideranças e entidades hegemônicas no movimento sindical e popular para a gerência petista do Estado brasileiro.

Francisco de Oliveira (2010), ao fazer uma análise gramsciana para compreender como governos eleitos com intensa participação popular praticam o oposto da sua concepção programática inicial, classifica como *hegemonia às avessas* o fato de termos trabalhadores no poder, mas adeptos e rendidos ao capitalismo periférico.

Já Carlos Nelson Coutinho (2010) configura a gestão petista como determinada hegemonicamente pela *pequena política*, termo gramsciano que revela a *política do dia a dia*, *política parlamentar*, *de intrigas*. O autor, citando Gramsci, informa que este concebia como *grande política* a luta pela destruição ou defesa de estruturas sociais, ou mesmo questões ligadas à *fundação de novos Estados*, horizontes dos quais após a chegada ao poder, o PT se distanciou. Para Coutinho, a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder, ao invés de propor a derrocada da hegemonia neoliberal, como se esperava, a tornou ainda mais persistente.

O autor, utilizando-se ainda de categorias gramscianas, explica e classifica como *transformismo*, *a cooptação pelo bloco do poder das principais lideranças de oposição*. Ou seja, o PT, antes a principal referência em termos de política progressista, se incorporou ao que de mais conservador existia na política brasileira.

Ricardo Antunes (2006), em coletânea intitulada *Uma esquerda fora do lugar: Lula e os descaminhos do PT*, de 2006, caracterizam como *tragédias*, algumas das ações já dos anos iniciais do primeiro mandato de Lula. Dados levantados por Antunes (pelo autor), mostram que também nos anos iniciais do governo Lula, trabalhadores foram minados com taxas de desempregos gritantes, e cerca de 60% destes, naquele período, foram precarizados principalmente pelo amplo processo de terceirizações. O setor que mais empregou nesse contexto, foram as empresas de telemarketing, que além de superexplorarem sua mão de obra constituída principalmente por jovens egressos das fileiras do Ensino Médio, tem condições de trabalho mascaradas, produzindo casos frequentes de lesões por esforços repetitivos *em prol da promoção da riqueza compulsiva dos bancos*.

Dilma Rousseff representa um componente de continuidade ao *modus operandi* que se estabeleceu nas presidências de Lula. Em sua gerência, a classe trabalhadora continua a ser atacada. A repressão e criminalização dos movimentos sociais também se alargaram, tendo como o ano de 2013 uma das principais expressões desse processo. As ações dessas gestões caracterizam o pano de fundo para a compreensão das problemáticas centrais que envolvem a juventude pobre.

### **3. Juventude, trabalho e educação nos governos do PT – algumas expressões da localização da juventude pobre no contexto social**

A identidade da juventude pobre vem associando-se à criminalização e precarização da vida e no trabalho. O sentimento de pertença social se operacionaliza a partir de quando, e pelo que se pode pagar, essa é uma característica imanente das relações sociais capitalistas, não somente da parcela da sociedade que queremos abordar. Mas vale ressaltar, que se trata da identidade da juventude pobre construída no seio de uma sociedade produtora de mercadorias carregadas de valores simbólicos e religiosidade.

Ao adotarem o *ethos* de consumo burguês de marca, os jovens proletários pobres respondem a seu modo, à necessidade verdadeira de inclusão social, confrontando os interesses da classe dominante brasileira, a classe média branca proprietária dos espaços de consumo de marca. Mesmo que não saibam, os “proletaróides” inquietam a ordem burguesa senhorial brasileira, não apenas devido a sua inserção de classe (jovens trabalhadores assalariados de origem pobre, proletários da periferia historicamente excluídos dos espaços de consumo burguês), mas devido a sua cor de pele: são pardos, negros e mulatos.

(ALVES, 2014) <sup>1</sup>

No modo de produção capitalista, a “inserção” e a cidadania, se realizam através da possibilidade de consumir. O fato é que os governos petistas através da combinação de seus programas de *renda mínima* como estratégias de inserção social através do consumo, e da limitação dos espaços de cultura, esporte e lazer, encaminham parte da juventude pobre para os espaços de sociabilidade antes característicos da burguesia, talvez as formas

---

A Invasão dos Proletaróides. Texto para o Blog da Boitempo. <http://blogdaboitempo.com.br/2014/01/27/a-invasao-dos-proletaroides>)

de representação máxima do consumo no capitalismo contemporâneo: o Shopping Center. No final do ano de 2013 e 2014, ganham repercussão na mídia, os chamados *rolezinhos*, encontros marcados por jovens da periferia em shoppings para interação social.

Tais atividades, apesar de não configurarem-se como fenômenos novos, ganham força midiática no contexto de 2013 e 2014, anos em que o aparato policial –militar vem crescendo significativamente e a criminalização da pobreza e de movimentos sociais se expandindo, principalmente nos entornos das cidades sedes da Copa do Mundo.

Os *rolezinhos*, antes de serem atividades políticas realizadas de forma consciente, significaram a vontade de sociabilização da juventude, que com os espaços cerceados, as escolas e as universidades fechadas às comunidades e todas as alternativas culturais mercantilizadas, precisavam se mostrar enquanto sujeitos.

Os *rolezinhos* tornaram-se fato político à medida em que a administração dos shoppings contou com o aparato repressor e militar do Estado, expulsando os jovens pobres, e em sua grande maioria negros, de forma violenta. Sem tanta notoriedade na mídia como os *rolezinhos* ocorridos em shoppings do Rio de Janeiro e de São Paulo, em Fortaleza, a inauguração de um shopping situado no bairro Parangaba, periferia da cidade, contou com a repressão e expulsão da juventude do bairro. O que demonstra que nos governos do PT ainda que se pautem a expansão das formas de consumo da classe trabalhadora, o consumidor pobre deve ter características comportamentais e físicas semelhantes à burguesia.

Categorizados como feios, sujos e malvados, os pobres concentram os estigmas da criminalidade e da doença, enquanto observam o restante da população – mesmo parte da população pobre – reforçando as barreiras de segregação. Nisso reside a importância da competição como ideologia ou, mais precisamente, como reforço à ideologia liberal. Ela (a competição) se concentra, a princípio, no plano do indivíduo, não de classe. (SANEH, 2013, p.140)

Os procedimentos utilizados durante os *rolezinhos* fazem cair por terra a tese de que o Brasil é um país onde as desigualdades estão sendo sanadas. O papel desempenhado pelo Estado no caso desses eventos, revela mais uma faceta do espírito de higienização social que os governos do PT vem imprimindo, tendo mais uma vez, os megaeventos como parâmetros de apresentação e redistribuição espacial das cidades para torná-la atrativas ao consumo estrangeiro.

Ao mesmo tempo em que a construção da identidade da juventude pobre perpassa pelos signos do consumo capitalista, essa categoria também sente a necessidade de se empoderar da cidade. Mas essa necessidade e desejo se esbarram também nas formas de elitização do lazer para a juventude. À juventude pobre são reservados caminhos de inserção na sociedade e de visibilidade que precarizam a existência.

Diante das dificuldades de sobrevivência, de readaptação e inserção social, se expande na periferia, o envolvimento de jovens com a criminalidade. Em 2010, os dados do Subsistema de Informação sobre a Mortalidade (SIM)<sup>2</sup>, da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS)<sup>3</sup>, revelaram que as mortes por armas de fogo no Brasil atingia 56,4% dos jovens de até 21 anos, envolvidos com o tráfico e outros tipos de crime.

Números do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias<sup>4</sup> do Ministério da Justiça, referentes à dezembro de 2012, indicam que há 266,2 mil pessoas entre 18 e 29 anos encarceradas no Brasil. Desconsiderados os detentos cujas idades não constam nas estatísticas, são 52,4% dos presos no País com menos de 30 anos. No Ceará, a mesma fonte revela que os jovens presos se aproximam do total de 7,3 mil.

Outros dados do Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA)<sup>5</sup> apontam também que as vítimas de violência, em geral, têm de 20 a 29 anos, negros e dizem ter de 5 a 8 anos estudo. Pessoas incluídas nesses critérios, foram as principais vítimas de violência urbana no Brasil em 2009.

### **Epidemia de mortes de jovens negros e pobres no Brasil<sup>6</sup>**

Há poucas semanas, no dia 27 de outubro, o jovem Douglas Martins, de 17 anos, negro e morador da periferia na zona norte de São Paulo, foi morto com um tiro no peito disparado por um policial militar de dentro de sua viatura. Não é preciso estar na cena do crime para inferir que há muitas questões envolvidas. E todas elas, direta ou indiretamente, apontam para uma grave tendência que tem caracterizado a discussão criminal no Brasil:

---

<sup>2</sup> <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/274>

<sup>3</sup> <http://www.ripsa.org.br/php/level.php?lang=pt&component=56&item=22>

<sup>4</sup> <http://portal.mj.gov.br/main.asp?View={D574E9CE-3C7D-437A-A5B6-22166AD2E896}&BrowserType=NN&LangID=pt-br&params=itemID%3D%7B598A21D8-92E4-44B5-943A-0AEE5DB94226%7D%3B&UIPartUID=%7B2868BA3C-1C72-4347-BE11-A26F70F4CB26%7D>

<sup>11</sup> <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/viva/vivadescr.htm>

<sup>6</sup> <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2013/11/13/epidemia-de-mortes-de-jovens-negros-e-pobres-no-brasil/>

estamos diante de um genocídio praticado pela PM e com o aval do Estado. (13/11/2013, Blog Ensaios de Negro)

**Extermínio da juventude negra brasileira é maior do que mortes em guerra - De 2004 a 2007, número de jovens mortos supera o de vítimas do conflito no Afeganistão<sup>7</sup>**

A cada três assassinatos cometidos no Brasil, dois são de jovens negros de 15 a 24 anos de idade, revela o Mapa da Violência 2013, elaborado pelo Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americano (Cebela). No total, incluindo negros e não negros, foram mais de 660 mil jovens mortos em duas décadas, um aumento de 207% no período de 1980 até 2011. O número de mortos nessa faixa etária é maior do que as vítimas de conflitos armados em outros países, como o Afeganistão, considerando apenas os dados de 2004 a 2007. (27/11/2013, Blog CUT)

No mesmo período em que a mídia apresentou à sociedade os *rolezinhos*, criminalizando a juventude pobre e afirmando que para ela há um lugar específico para sua socialização, contradizendo as teses liberais e neoliberais de que no capitalismo todos são livres e a democracia impera, a situação carcerária do Estado do Maranhão foi evidenciada.

O Complexo Penitenciário de Pedrinhas protagonizou a morte violenta de 62 detentos apenas do final de 2013 para o início de 2014. 58% dos presos do complexo são jovens entre 18 e 29 anos, segundo dados coletados pela revista Carta Capital<sup>8</sup>.

Segundo nota<sup>9</sup> divulgada em conjunto por entidades do movimento sindical, estudantil e popular, além de professores, *Pedrinhas, que contava com uma superpopulação de 2.186 detentos (mais de 400 além de sua capacidade de 1770) não é exceção no cenário brasileiro. O Brasil, que possui a quarta maior população carcerária do mundo e cujo índice de crescimento do número de encarcerados é o maior verificado atualmente, possui como marca a superlotação generalizada de suas unidades prisionais, acrescido de um sem limite de precariedades institucionais.*

Há ainda que se destacar a conjuntura social do Estado do Maranhão, que possui o segundo pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a menor expectativa de vida e as

<sup>7</sup> <http://www.cut.org.br/destaque-central/53884/exterminio-da-juventude-negra-brasileira-e-maior-do-que-mortes-em-guerra>

<sup>8</sup> <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/pedrinhas-o-maranhao-e-a-tragedia-carceraria-brasileira-3435.html>

<sup>9</sup> <http://www.une.org.br/2014/01/pedrinhas-maranhao-e-a-tragedia-carceraria-brasileira/>

mais altas taxas de mortalidade infantil de todos os Estados brasileiros, segundo o documento acima citado e divulgado pela Sociedade Civil.

Outra característica da juventude pobre nos governos do PT se expressa através de sua inserção em formas de trabalho precária e com os aditivos e institucionalização de programas e políticas educacionais de parcerias público – privadas.

A universidade pública tem como um de seus lemas, a produção de conhecimento para atender os interesses da sociedade. No entanto, esta vem cada vez mais se caracterizando como um espaço que privilegia apenas a classe dominante e que se distancia dos interesses da classe trabalhadora e sequer, a permite em seus espaços.

Os mecanismos de ingresso na universidade não se aproximam do conhecimento ofertado nas escolas públicas, bem como existem outros fatores que afastam a juventude pobre da escola. O conhecimento produzido nessa instituição, também não retorna para o conjunto da sociedade de forma horizontal, este vem sendo mercantilizado, subordinado aos interesses das grandes corporações e servindo apenas a quem pode pagá-lo.

O REUNI, o PROUNI e o Novo ENEM, foram mecanismos implantados pelo governo petista e que se configuram como formas de sucateamento da universidade e adequação às demandas dos organismos multilaterais, no sentido de pouco investimento estatal no âmbito da Educação Superior e de implantação de modelos avaliativos baseados em exigências da reestruturação produtiva.

O REUNI, Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, se caracterizou como expansão sem qualidade da universidade pública, o número de vagas nessas universidades se expandiu, no entanto, em suas estruturas físicas as universidades não se expandiram a ponto de adequar qualitativamente o novo corpo estudantil, assim como o número de servidores técnico- administrativos e docentes, pouco foi modificado, caracterizando uma precarização do trabalho dos docentes e servidores. Para LEHER (2008):

O aumento gradativo da relação professor/aluno na graduação – em 1988 era de 7,1% em 1998 de 9% e em 2006 chegou à 10,8% – reflete a intensificação do trabalho docente, e indica uma redefinição da relação entre docentes e discentes no cotidiano das universidades. O que se observa são turmas que crescem a cada ano, sobrecarregando os docentes no atendimento e na orientação de discentes, inclusive no intuito de promover sua inserção em pesquisas. Ainda, pode-se afirmar que os números não mostram com clareza o alcance de tais mudanças.

Se a contratação de substitutos objetiva cobrir parte da demanda de aulas, todo o restante, como salientado, permanece como atividade dos efetivos: aulas na pós-graduação *stricto sensu*, orientações, representações etc. A relação professor/aluno apresentada, portanto, é apenas uma parte do problema da intensificação do trabalho docente. O quadro total sugere não só consequências diferenciadas na sobrecarga de trabalho dos docentes, como também alterações estruturais no padrão unitário almejado, tanto para a carreira docente quanto para a universidade. (p.18)

O PROUNI, Programa Universidade Para Todos, vem significando a isenção de impostos para o empresariado do setor educacional, ao invés do investimento em universidades públicas, bem como manda a cartilha do Banco Mundial que sugere a privatização do ensino superior. Machado e Rocha (2009), afirma que sob a justificativa de introduzir os jovens das camadas populares nas universidades, seja com bolsas integrais ou parciais,

(...) os divulgadores dessa visão ao pregar esse discurso que toma o diploma do curso superior como uma saída para o desemprego, tem como objetivo primeiro a fomentação do mercado da educação superior, que já aponta como um dos mais rentáveis. (p. 102)

O Novo ENEM-Exame Nacional do Ensino Médio, extingue o antigo vestibular, sem, no entanto, deixar de ser um mecanismo elitista de ingresso na universidade pública. No decorrer de sua implantação, o ENEM vem apresentando diversos problemas, inclusive, dificultando ainda mais o ingresso dos filhos da classe trabalhadora na universidade, uma vez que estabelece conteúdos pouco dispostos no Ensino Médio público e possibilita a escolha de cursos universitários não por afinidade, mas pelo quantitativo disposto para se entrar no curso, ou seja, escolhe-se a carreira universitária pela nota obtida no exame e a nota de corte de diversos cursos.

Gabriel Gabrowsky em sua tese de doutoramento (2003) destaca ainda, programas educativos de qualificação profissional surgidos nos governos do PT, que se apresentam como alternativas ineficazes e propagadoras da inserção precária da juventude no mundo do trabalho. O PROJOVEM, Programa Nacional de Inclusão de Jovens e Ação Comunitária, que segundo Gabrowsky se realiza principalmente pela ação de Organizações Não Governamentais (ONG), o PROEJA e o Programa Brasil Profissionalizado, são alguns dos programas e políticas assinalados pelo autor.

Quando fazemos um corte classista da realidade, percebemos que para a juventude pobre existe um lugar reservado na veiculação diária de notícias: o da criminalização ou o da inserção e reprodução de um modo de vida e de trabalho precário.

### **MENINAS NEGRAS REALIZAM 100% DO TRABALHO INFANTIL DOMÉSTICO NO DF<sup>10</sup>**

Elas são moradoras da área urbana da capital federal e têm entre 16 e 17 anos. As jovens estão na idade de cursarem os dois últimos anos do ensino médio, ciclo com maior taxa de evasão escolar. Esse também é o padrão do trabalho infantil doméstico em todo o Brasil. As meninas são mais de 93% dos que estão nessa condição. Dessas, 67% são negras. Em entrevista ao Portal Andi, o pedagogo Coracy Coelho lembra que persiste o hábito de trazer jovens de regiões mais pobres para trabalhar em residências. O representante do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil no Distrito Federal conta que “elas chegam achando que vão encontrar uma nova família, que terão oportunidade de estudar”, mas acabam “sofrendo violações de direitos”. (15 de Agosto de 2013, Brasil de Fato)

### **Pão de Açúcar e a exploração do trabalho adolescente<sup>11</sup>**

O supermercado Pão de Açúcar é “lugar de gente feliz”, diz o comercial na TV. Clientes felizes e ecologicamente sustentáveis encontram, em qualquer loja da rede, funcionários igualmente felizes e ecologicamente sustentáveis sempre dispostos a atendê-los. (...) Segundo a fiscalização, a gerência da unidade obrigava os adolescentes contratados pelo programa de aprendizagem a trabalhar como caixas e empacotadores, em períodos noturnos e em regime de compensação de jornada, condições não permitidas pela legislação brasileira. Além disso, a empresa não cumpria o número mínimo de 5% de aprendizes em relação ao total do quadro de empregados. De acordo com a fiscalização do MTE, além de desrespeitar as violações dos direitos dos adolescentes aprendizes, o Pão de Açúcar Fiúza, como a unidade era conhecida, não cumpria com algumas obrigações trabalhistas dos funcionários adultos. Extensão de jornadas acima do permitido, ausência de intervalos regulares e descanso semanal, e falta de registro de horário de entrada e saída dos empregados foram algumas das práticas flagradas. (25/12/2013, Brasil de Fato)

<sup>10</sup> <http://agenciapulsar.org/brasil2013/dd-hh/meninas-negras-realizam-100-do-trabalho-infantil-domestico-no-distrito-federal/>

<sup>11</sup> <http://reporterbrasil.org.br/trabalho infantil/lugar-de-gente-feliz-pao-de-acucar-e-a-exploracao-do-trabalho-adolescente/>

## SAS abre mais de 200 vagas para os primeiros cursos do Pronatec 2014<sup>12</sup>

**Pronatec-** O Pronatec é um programa federal que busca incentivar a profissionalização dos jovens de forma a melhorar a qualidade de vida proporcionando melhores condições e maior competitividade no mercado de trabalho. Cursos que começam no dia 10 de março - Maquiador, Operador de caixa, Cuidador infantil, Cuidador de idoso, Recepcionista, Operador de supermercados, Auxiliar de Recursos Humanos, Auxiliar financeiro, Balconista de farmácia, Auxiliar pessoal, Operador de telemarketing, Auxiliar de Recursos Humanos, Manicure e Pedicure. (02/01/2014, Campo Grande News)

Através da coleta dessas notícias, podemos constatar que para a juventude pobre é ofertado o caminho da precarização das condições de vida e de trabalho. O extermínio dos jovens que entre si eliminam-se ou são eliminados pelo Estado é um fato corriqueiro pela falta de políticas públicas coerentes e eficazes, e pela própria constituição social em que estamos inseridos.

Comprendemos que a oferta massiva do Ensino Técnico e Profissionalizante para a juventude constitui-se como mais um mecanismo de reprodução social face as mutações no mundo do capitalismo. De acordo com Kuenzer (1991)

O Brasil apresenta a constituição de um sistema de ensino marcado pela dualidade estrutural em que a divisão social e técnica do trabalho é categoria imprescindível para a constituição do modo capitalista de produção, rompendo a unidade entre teoria e prática, preparando de forma diferente os homens para que atuem em posições hierárquica e tecnicamente diferenciadas no sistema produtivo. (p.6)

Este sistema dualitário é marcado pela preparação da classe trabalhadora (operários, pobres e seus filhos) para atuarem nas funções técnicas localizadas nos níveis baixos e médio da hierarquia ocupacional do sistema produtivo. Ou seja, a inserção da juventude nessas formas de qualificação a distancia da caminhada rumo ao Ensino Superior público, e parte de um conjunto de ações orquestradas pelo capital, não se dão de forma isolada.

---

<sup>12</sup> <http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/sas-abre-mais-de-200-vagas-para-os-primeiros-cursos-do-pronatec-2014>

#### **4. Considerações finais**

O extermínio da juventude pobre e negra, sua inserção nas formas de sobrevivência precária, uma educação de baixa qualidade e gerida por grandes grupos empresariais, representam o lugar que a juventude pobre vem ocupando nos governos nos governos do PT.

Os dados apresentados apontam que as Políticas Públicas desenvolvidas pelas gestões dos Partidos dos Trabalhadores não foram capazes de organizarem-se de forma conjunta para resolução dos problemas políticos que afetam a juventude pobre. Não por acaso, essa localização da juventude na sociedade brasileira, além de outras questões, também foi capaz de fazer eclodir um novo ciclo da luta de classes no Brasil, com pontos positivos e negativos.

Os protestos de junho de 2013 e os protestos que se seguiram e reafirmaram-se pelo caráter massivo, principalmente contra os megaeventos, tiveram a juventude como principal protagonista rejeitando em parte, o protagonismo das organizações de esquerda.

A prática dos rolezinhos e conseqüentemente a repressão da juventude pobre e negra, revelam que esta inclusão da classe trabalhadora se dá de maneira mascarada, na qual servem apenas para legitimar os interesses do capital, revelando-nos mais uma faceta do capital, demonstrando que a classe trabalhadora pode consumir, desde que não invadam seus espaços.

Outro traço que evidencia esta demarcação de espaços referem-se as políticas educacionais: De um lado, há uma proliferação do acesso ao ensino superior pela classe trabalhadora, por outro, este acesso se dá regulado pelas relações de mercado, na qual a burguesia continua tendo acesso a um tipo de educação que dirige, e os pobres, a uma educação subordinada.

Nesse sentido, o governo neoliberal seguiu à risca a cartilha neoliberal. Adotou as mesmas práticas dos governos anteriores, porém, revestido de uma ideologia que se diz voltada para a classe trabalhadora, mas que por trás, aprofundou as desigualdades sociais. Por um lado, desenvolveu projetos que visavam a inclusão da juventude pobre na universidade, por outro, foi um dos que mais injetou dinheiro na iniciativa privada, corroborando com o processo de mercantilização do ensino.

## 5. Referências

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) Mundo do Trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2000.

\_\_\_\_\_. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório: O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha**. IN: [http://www.giovannialves.org/Artigo\\_GIOVANNI%20ALVES\\_2010.pdf](http://www.giovannialves.org/Artigo_GIOVANNI%20ALVES_2010.pdf). Acesso em 20 de maio de 2012.

ANTUNES, **Ricardo**. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma esquerda fora do lugar: Lula e os descaminhos do PT**. São Paulo: Armazém do Ipê. 2006.

\_\_\_\_\_. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo. Boitempo Editorial, 1999.

BIHR, Alain. **Da Grande Noite a Alternativa**. São Paulo. Boitempo Editorial, 1998.

BRAGA, Rui. **A Política do Precariado: do Populismo à Hegemonia Lulista**. São Paulo. Boitempo Editorial.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A Hegemonia da Pequena Política**. IN: *Hegemonia às Avessas* p.32. Org. Oliveira; Braga; Rizek. São Paulo. Boitempo Editorial. 2010.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Educação e trabalho no Brasil**. Brasília: INEP, 1991.

LEHER, **Roberto**. **Trabalho Docente, Carreira e Autonomia Universitária e Mercantilização da Educação**. Buenos Aires: VII Seminário REDESTRADO. 2008.

OLIVEIRA, Francisco. **Hegemonia às Avessas**. São Paulo. Boitempo Editorial. 2010.

MACHADO e ROCHA, Antônia Rozimar. **PROUNI e a Pseudo – democratização na Contra – Reforma da Educação Superior no Brasil**. Universidade Federal do Ceará. Repositório UFC. 2009.

SANEH, Giulliano. **Apertando Parafusos: Juventude e Crítica à ideologia da adaptação**. Florianópolis. Editora Em Debate. 2013.